

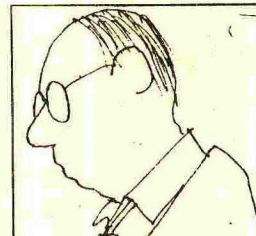
Francis fala sobre a família Rockefeller. Pág. D7

*Exclusiva-
Brasil*

O ESTADO DE S. PAULO CADERNO 2

ESPECIAL * DOMINGO

ANO IX NÚMERO 3.626 □ DOMINGO, 12 DE JANEIRO DE 1997



Verissimo narra a história de um grupo misterioso. Pág. D6

A indústria nacional precisa se reestruturar

EDSON VAZ MUSA

Com a globalização da economia e o aparecimento de novos concorrentes é necessário criar formas de proteção

As empresas industriais ou de serviço estão sendo submetidas, não só no Brasil mas em todo o mundo, a uma série de tremores cujos epicentros são muitos — alguns mal identificados. As novas tecnologias, que por si já provocam mudanças importantes nos processos e produtos finais, estão agora acelerando a forma de pesquisar e conceber estes novos produtos, encurtando brutalmente o tempo de entrada no mercado e, por consequência, de sua



própria vida útil. Ao mesmo tempo, as novas formas de gestão das empresas estão ampliando a utilização de recursos, caçando desperdícios, reinventando e melhorando continuamente os processos, e sobretudo ensinando a utilizar melhor, e de forma integral, os recursos humanos.

Junta-se agora à falada globalização da economia uma nova concorrência com um fluxo de produtos que vêm de regiões do mundo onde as regras do jogo não são as mesmas. Nesse jogo, como no futebol — para ficar numa comparação que todos os brasileiros entendem — quando um time apela e chuta a canela ou bate “acima da medalhinha” e o juiz não mostra cartão, não há craque que resista.

Risco — O Brasil, por algumas razões, está correndo o risco de perder de goleada. Em primeiro lugar, em nosso País o custo da mão-de-obra do setor organizado da economia é um dos mais caros do mundo e o chamado “custo Brasil” é insustentável. Além disso, todos os países se protegem de uma forma ou de outra (Veja-se o caso das barreiras sanitárias impostas por países contra a carne de frango. Amanhã, poderão ser impostas proteções ecológicas, etc.). De nossa parte, estamos com nossa defesa permanentemente aberta.

Outras razões estão ligadas ao forte aumento do consumo de determinados bens, mas com o valor agregado reduzido, como é o caso da indústria de eletro-eletrônicos, que aumentou suas vendas de televisores de 2,2 milhões para 9 milhões nos últimos quatro anos, mas com forte redução dos empregos.

Até que ponto é boa para o País esta prática? É bom que haja esse elevado número de consumidores de aparelhos de televisão mas é preciso destacar que o Brasil não pode se tornar um entreposto comercial, consumindo bens cuja maior parte dos componentes são feitos fora daqui, gerando empregos em outros lugares. A mesma situação pode ser verificada na indústria automobilística vis a vis o setor de autopeças, e na indústria têxtil.

Ausentes — Mais um complicador: o empresariado está completamente ausente das discussões nacionais e internacionais, que são conduzidas exclusivamente por funcionários públicos ou diplomatas, como se registrou recentemente nas rodadas de negociações relativas à Organização Mundial do Comércio (OMC), em Cingapura. Precisamos ficar atentos porque vêm aí as discussões sobre a Área de Livre Comércio das Américas (Alca).

A nosso ver, porém, esta situação de desvantagem para o nosso “time” Brasil pode ser modificada, desde que nos empenhemos com firmeza constância de propósitos. Inicialmente, seria fundamental a reestruturação da indústria nacional, por meio de fusões e incorporações que

Esta segunda edição da série Agenda 97 aborda os temas mais atuais da economia. Os artigos e entrevistas publicados hoje mostram que as reformas constitucionais e do Estado, a participação do Brasil nos negócios internacionais e a emenda que prevê a reeleição para os atuais cargos executivos deverão exercer forte influência no clima econômico do País. Na avaliação do engenheiro Edson Vaz Musa, se já era difícil para o Brasil se adaptar à globalização da economia, surgem agora novos fatores complicadores. “Ou cresce ou morre”, alerta ele nesta página. O professor Eduardo Giannetti da Fonseca afirma, em entrevista nas páginas D2 e

D3, que as discussões sobre a reeleição e as contas externas vão condicionar a política econômica do governo. Na página D4, o consultor de empresas Stephen Kanitz diz que o grande desafio das empresas brasileiras, em 1997, será recuperar o tempo perdido. Na mesma página, o secretário-geral da CUT, João Vaccari Neto, fala sobre a necessidade de unificação dos sindicatos dos trabalhadores. A economista Elena Landau comenta, na página D12, o processo de desestatização. No domingo passado, Agenda 97 trouxe como tema a reforma agrária. No dia 19, a série vai tratar de política e, no dia 27, vai debater o Brasil de Fernando Henrique Cardoso.

Agenda 97



resultem em empresas de dimensão mundial, com escala de produção suficiente para reduzir custos e, ao mesmo tempo, obter força comercial necessária para jogar na primeira divisão, isto é, enfrentar de igual para igual a concorrência internacional. Ou cresce ou morre e o crescimento interno nas empresas industriais não ocorrerá suficientemente rápido para alcançar o trem que partiu na frente e a toda velocidade.

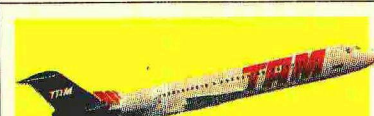
Os brasileiros, incluindo os conselheiros do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), poderiam levar em conta o exemplo da Coreia do Sul, que tem pelo menos sete chaebol (corporações) faturando, cada um deles, mais de US\$ 25 bilhões por ano. No Brasil, o maior conglomerado privado não fatura um quinto deste valor, embora a economia brasileira seja o dobro da coreana. Estas fusões serão também uma ocasião de concentração das empresas nas suas verdadeiras vocações.

Papel nas modificações — O empresário brasileiro, além do esforço hercúleo de reorganizar suas empresas, tem também um papel importante a exercer nas modificações em nível nacional e internacional. Apesar das queixas de não ser ouvido, deve estar mais presente nas discussões com o governo brasileiro e nas rodadas de negociações internacionais. É o fato que se os empresários fossem convidados a participar dessas negociações ainda não saberiam como fazer, por não terem organização, mas aí vem a história do ovo e da galinha, ou seja, não sabem se não são convidados porque não são organizados ou se não se organizam porque não são convidados às negociações.

Finalmente, a sociedade como um todo deve pressionar e contribuir para a redução do famigerado “custo Brasil”, diminuindo os desperdícios em todos os sentidos e reduzindo o consumismo desenfreado (que cena triste no último Natal, em que as pessoas tinham de pegar senha para fazer compras em algumas lojas!).

Penso também que todos deveriam ter uma maior participação cívica e continuar melhorando a qualidade do voto. Não é suficiente ficar apenas reclamando das atitudes do governo, é necessário que cada um assuma as suas responsabilidades de cidadão, realmente participe da vida da sua comunidade, da sua cidade, com o mesmo empenho com que participa das causas que lhe interessam. Enfim, que ofereça a sua cota-parte de contribuição para a prosperidade do País.

■ Edson Vaz Musa é engenheiro, sócio da MGDK — Gestão de Empresas e Participações — e ex-presidente da subsidiária da Rhodia no Brasil



LONDRINA

8:45h*
9:30h
16:10h
19:50h

Saídas de Congonhas - SP.
*Escala em Araçatuba e Presidente Prudente.

RESERVAS: (0800) 123-100.

TAM
Um estilo de voar.